

## DISCURSOS MIDIÁTICOS ACERCA DA MATERNIDADE SOLO

**Kelen Cristina Duarte<sup>1</sup>**  
**Marlusa de Sevilah Gosling<sup>2</sup>**

### INTRODUÇÃO

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”  
Provérbio africano.

A divisão sexual do trabalho é um constructo histórico fundamentado em uma ordem patriarcal, que se consolidou como uma das bases do desenvolvimento do capitalismo, permanecendo relevante até a atualidade em todas as sociedades capitalistas (Federici, 2017; 2019). A reprodução social, ou o trabalho de produzir mão de obra – também entendido como o trabalho de cuidar do outro – foi historicamente constituída como uma tarefa não remunerada e de responsabilidade feminina (Hirata & Kergoat, 2007; Hirata, 2016; Federici, 2017, 2019).

No Brasil, essa realidade é evidenciada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Pnad Contínua (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/2489003015759373>. <https://orcid.org/0000-0003-0502-3992>. [duartekelencristina@gmail.com](mailto:duartekelencristina@gmail.com). Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Administrativas. Avenida Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34641200.

<sup>2</sup> Doutora em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/9503365193492380>. <https://orcid.org/0000-0002-7674-2866>. [mg.ufmg@gmail.com](mailto:mg.ufmg@gmail.com).

[IBGE], 2019). Os dados indicam que as mulheres dedicam 73% mais horas aos afazeres domésticos e ao cuidado de outras pessoas do que os homens. Essa desigualdade é ainda mais acentuada em determinadas regiões e grupos sociais – na região Nordeste, por exemplo, essa diferença chega a 80%. Além disso, quando se considera a cor ou raça, as mulheres pretas ou pardas dedicam 78% mais tempo a essas tarefas do que os homens. Essas variações são praticamente inexistentes entre os homens.

Como resultado dessas dinâmicas, as mulheres foram transformadas nas principais responsáveis pela criação dos filhos, o que tornou comum a figura da mãe solo – aquelas que assumem, de forma exclusiva, a responsabilidade pela criação dos filhos. Atualmente, essas mães somam mais de 11, 5 milhões no país. Por diversas razões, essas mulheres são as únicas responsáveis tanto pelo sustento quanto pelo cuidado dos filhos, acumulando múltiplas funções: mãe, trabalhadora, e, com a pandemia de Covid-19, professora, além de outros papéis que variam conforme a situação (Monteiro & Arrellaga, 2021).

A construção desse tipo de relação social é, conforme demonstrado por Foucault (1996), fortemente dependente da propagação de discursos de conformidade. Por meio desses discursos, situações problemáticas são normalizadas, tornando-se socialmente aceitáveis. Nesse sentido, a mídia se configura como um importante veículo para a difusão dessas ideias (Kellner, 2001). Michel Foucault (2008) aponta ainda que as condições de produção do discurso são controladas, selecionadas, organizadas e redistribuídas por procedimentos que têm o objetivo de determinar o que pode ser dito (ou não) em um determinado momento histórico. Além disso, esses procedimentos também moldam as formas como as ideias são apresentadas e percebidas pelo público. Isso significa que os discursos midiáticos não são neutros ou espontâneos, mas produtos de um conjunto complexo de regras e normas que regulam o que é considerado aceitável ou relevante dizer.

Ainda segundo o autor, a produção do discurso é um processo de poder, no qual certos discursos são privilegiados, enquanto outros são silenciados ou

marginalizados. Isso significa que existe uma ordem nos discursos, regida por pressupostos sociais, culturais e históricos. No contexto midiático, esse poder se manifesta na forma como certos estereótipos são perpetuados, enquanto outras narrativas são excluídas ou sub-representadas. Além disso, diferentes discursos podem se conectar, em um fenômeno conhecido como interdiscursividade, reforçando-se mutuamente ou até mesmo se contradizendo dentro de um campo social. Isso demonstra que os discursos não existem isoladamente; eles dialogam entre si, sendo moldados e moldando as condições históricas, culturais e sociais nas quais estão inseridos.

Dessa maneira, compreender as condições de produção de discursos é essencial para desafiar e transformar as narrativas que perpetuam desigualdades e injustiças sociais. Dado que os discursos midiáticos contribuem para a construção da subjetividade de uma sociedade, conforme apontado por Foucault (1996) e (Kellner, 2001), surge o questionamento: quais são os sentidos presentes nos discursos sobre as mães solo no jornalismo brasileiro? Para responder a essa questão, realizamos uma pesquisa qualitativa utilizando como método a análise do discurso de linha francesa.

A fim de compreender essa temática apresentamos, a seguir, a base teórica do presente estudo que se divide em duas partes: a teoria da reprodução e a midiaticização do feminino. Na sequência serão apresentados os métodos empregados nesta investigação. A seção quinta é constituída pelos resultados e, em seguida, eles serão discutidos. Na última seção expomos a contribuição da pesquisa, bem como suas limitações e sugestões para estudos futuros.

## REPRODUÇÃO SOCIAL

A divisão sexual do trabalho é uma característica fundamental da sociedade capitalista moderna (Hirata & Kergoat, 2007). Nessa configuração, os homens são predominantemente encarregados do trabalho produtivo e da apropriação das funções de maior valor social agregado, como as de políticos e religiosos, enquanto às mulheres é atribuída a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo, entendido como aquele que atende às necessidades concretas de outras pessoas (Saffioti, 1991; Hirata, 2016; Hirata & Kergoat, 2007). Essa divisão sexual do trabalho é sistêmica e hierarquiza as atividades e os sexos, criando um sistema de desigualdade de gênero (Hirata & Kergoat, 2007). A subordinação do trabalho reprodutivo ao trabalho produtivo se reflete também nas relações entre mulheres e homens, contribuindo para a configuração do sexismo e da opressão de gênero como bases do sistema capitalista (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019).

Brenner e Laslett (1991) definem a reprodução social como as atividades, comportamentos, emoções, responsabilidades e relacionamentos envolvidos na manutenção da vida cotidiana. Isso inclui tarefas como o cuidado de idosos e crianças; provendo alimentação, vestuário e abrigo; podendo abranger trabalho mental, manual e emocional realizado para sustentar a vida e garantir a geração futura. Segundo as autoras, o trabalho de reprodução social é predominantemente exercido no ambiente doméstico privado e, frequentemente, não é remunerado, o que o torna invisível em uma sociedade capitalista voltada para a extração da mais-valia. Silva Federici (2019) complementa esse conceito, afirmando que o trabalho de reprodução social também constitui um processo de socialização dos trabalhadores na sociedade capitalista e envolve, ainda, um trabalho sexual que requer um alto grau de interação humana e a satisfação de necessidades complexas, nas quais componentes físicos e emocionais estão profundamente entrelaçados.

Para Hirata (2016), embora muitas dessas atividades tenham sido mercantilizadas com a crescente participação feminina no mercado de trabalho nos últimos anos e com o envelhecimento das populações, ainda persiste o cenário de desigualdade, no qual muitas mulheres acumulam funções produtivas e reprodutivas. Além disso, quando o trabalho reprodutivo é mercantilizado e reconhecido como profissão, ele ainda assim é desvalorizado. Esse trabalho é frequentemente classificado como emprego não qualificado, resultando em baixa remuneração e sendo, em sua maioria, exercido por mulheres negras e pobres. Nesse contexto, a interseção entre raça e classe social agrava as questões de gênero, intensificando a opressão enfrentada por essas mulheres (Hirata, 2016).

Segundo as pesquisadoras Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), a organização da reprodução social é fundamentada no gênero, sendo dependente dos papéis de gênero socialmente construídos e fortalecida pela opressão de gênero. As autoras afirmam que os Estados modernos incentivam as mulheres responsáveis pela reprodução social a moldarem as crianças de acordo com tipos “certos” de indivíduos, a saber: cisgêneros, heterossexuais e perfeitamente alinhados a uma classe social. Esse condicionamento ideológico é exercido, em grande parte, por meio de discursos e é reforçado por instituições além da família, como escolas, igrejas e a grande mídia (Silva, 1987).

As políticas neoliberais têm deteriorado a situação das mulheres em relação aos trabalhos produtivos e reprodutivos. Atualmente, a vida é cada vez mais reduzida ao trabalho, gerando o conceito de "adulto-trabalhador" – uma figura que não é considerada nas dimensões de gênero e raça, embora o sistema neoliberal ainda dependa profundamente da lógica de exploração de gênero e raça (Winders & Smith, 2019). Essas políticas neoliberais promovem aumento das horas de trabalho, maior produtividade e redução dos direitos trabalhistas. Conjugadas com a ausência do Estado – evidenciada pela precarização dos direitos previdenciários e pela insuficiente rede de ensino, especialmente nos primeiros anos de desenvolvimento da criança – essas políticas contribuem para o que é denominado

como crise da reprodução social (Kunz, 2010; Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019; Winders & Smith, 2019).

Essa crise é caracterizada, segundo Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), pelo engajamento das principais provedoras de trabalho reprodutivo em longas e extenuantes jornadas de trabalho mal remuneradas, sem o devido apoio do setor público. Para as autoras, o regime neoliberal recruta em massa mulheres para o mercado de trabalho; no entanto, contrariamente ao que se poderia esperar, não há uma desconstrução da divisão sexual do trabalho produtivo nem uma verdadeira emancipação feminina. Na realidade, há uma superexploração e expropriação do trabalho feminino, resultando em esgotamento e, portanto, na crise da reprodução social. Essa precarização é frequentemente oculta por meio de discursos romantizados sobre o empoderamento feminino (Finamore & Carvalho, 2006).

Em um sistema dominado pela heteronormatividade e pelo patriarcado, a mulher que precisa criar seus filhos fora do modelo tradicional de família – isto é, sem um marido – não se enquadra no tipo de pessoa considerado “certo”. Além disso, essas mulheres enfrentam a realidade do acúmulo de trabalhos reprodutivo e produtivo. Nesse contexto, como se posicionam essas mães solo em nossa sociedade? Quais são os discursos socialmente construídos sobre elas? Com o objetivo de responder a essas questões, empreendemos a presente pesquisa.

## **MIDIATIZAÇÃO DO FEMININO**

Os discursos e imagens veiculados pela mídia desempenham um papel crucial na modelagem da vida cotidiana, influenciando opiniões políticas e comportamentos sociais. A mídia não apenas exhibe e reproduz modelos de masculinidade e feminilidade, mas também molda a construção do senso de classe, etnia, raça e sexualidade, além de contribuir para os discursos de “nós” e “eles”. Dessa forma, a mídia ajuda a construir a visão hegemônica de mundo que prevalece em uma

sociedade, bem como a definir o que é considerado certo e errado dentro desse contexto (Kellner, 2001).

A problemática envolvendo a mídia e os meios de comunicação é, conforme Paulo Freire (2014), uma questão relacionada ao poder. O autor destaca a importância de questionar a quem e a que interesses esse aparato serve. Segundo Freire, há o risco de a sociedade civil ser manipulada em prol dos interesses daqueles que detêm o poder sobre a mídia e os meios de comunicação. Isso se alinha ao que foi demonstrado por Foucault (1996), que afirmou que o discurso produzido não apenas reflete as relações de poder, mas também atua como um instrumento delas. De acordo com Foucault, poder e saber estão interligados no discurso, o que implica que, em toda sociedade, há um controle e uma organização da produção dos discursos.

O campo midiático é um espaço de disputa entre diversos atores que o compõem, conforme apontam Brittos e Gastaldo (2006). No entanto, é possível identificar tendências globais que atuam para reiterar a ordem social, tanto em termos institucionais quanto em relação a conflitos de classe, raça e gênero. Segundo os autores, essa normatização pode ser observada, por exemplo, nos discursos publicitários, que visam vender produtos ou serviços. A produção discursiva nesses contextos é construída de forma a retratar a situação de consumo de maneira idealizada. Essa idealização envolve normatizações relacionadas à conduta e às características físicas e psicossociais dos indivíduos. Nesse sentido, a felicidade é normatizada, e tudo o que não se encaixa no perfil promovido é considerado marginal e excluído.

Nesse contexto, as imagens e discursos associados à “mulher socialmente adequada” são abordados em diversos estudos (Finamore & Carvalho, 2006; Sifuentes & Ronsini, 2011; Queiroz, 2019; Valle & Martin, 2021). Conforme demonstrado por Queiroz (2019), desde a infância, as mulheres são influenciadas a atender a determinados padrões sociais. A autora revela que as animações



produzem e reproduzem o “estilo princesa”, que influencia a construção identitária das jovens, transmitindo um ideal de feminilidade, delicadeza e paciência, mesmo nos contos mais recentes. Além disso, essas representações frequentemente associam a mulher a atividades domésticas, à idealização do amor romântico heterossexual e da maternidade como as únicas formas de felicidade e autorrealização destinadas a elas.

Na mesma linha, o estudo de Finamore e Carvalho (2006) revelou que o discurso midiático contribui para a criação e manutenção do lugar social feminino atrelado à esfera privada, o que implica que o papel da mulher seria restrito ao lar, distante do espaço público. Para os autores, a mídia cria estereótipos femininos para assegurar a perpetuação desses signos, o que dificulta a participação das mulheres na vida política no Brasil, uma vez que as candidatas frequentemente são desqualificadas e associadas a esses estereótipos. A atribuição das mulheres a espaços privados também significa relegá-las a áreas despolitizadas e sem poder social, pois, nas sociedades ocidentais capitalistas, há uma divisão simbólica em que o poder se concentra no ambiente público – o ambiente de produção capitalista (Federici, 2019).

Conforme apontado por Sifuentes e Ronsini (2011), os mitos relacionados à maternidade são amplamente disseminados pelo discurso midiático, especialmente por meio das telenovelas. Segundo as autoras, os discursos veiculados por esse tipo de mídia atingem particularmente as jovens de baixa renda, apresentando a maternidade e o casamento como prioridades a serem assumidas pelas mulheres. Essas duas conquistas são retratadas como suficientes para garantir a felicidade feminina, mesmo que isso implique a renúncia a outras dimensões da vida, como a carreira profissional, e o abandono de certos sonhos em prol da família.

A análise do cenário latino-americano realizada por Valle e Martin (2021) revela problemas semelhantes aos identificados por outros pesquisadores. Ao examinar



criticamente o discurso sobre feminicídio veiculado em cinco países latino-americanos, as autoras descobriram que esses discursos servem para reafirmar a eficácia e o poder do Estado. Nesse contexto, as mulheres são reduzidas a objetos desprovidos de humanidade e fetichizadas até mesmo após a morte. Além disso, constrói-se a ideia de que o feminicídio é inevitável e até justificável, naturalizando, assim, a violência contra a mulher.

Contudo, conforme aponta Foucault (1996), não existe poder sem sua antítese, a resistência. No que se refere ao discurso, essa realidade se manifesta no surgimento de contradiscursos que se opõem ao status quo e ao que é hegemônico. Por meio de contradiscursos, é proposta uma nova interpretação do mundo, dos símbolos e de todo o material semiótico. Na mídia, essa proposição ocorre, por exemplo, quando arquétipos ligados ao feminino, como a bruxa, passam por desmitificação e ressignificação. Em vez de serem retratadas como “perversas, diabólicas e subversivas”, as bruxas são compreendidas como “a mulher resistente e agente do próprio discurso” (Paradiso, 2011, p. 200).

ressignificação discursiva do feminino e das mulheres também pode ser identificada no cinema – entendido como um texto social, conforme aponta Paloma Coelho (2021). Segundo a autora, as produções de Pedro Almodóvar constituem um contradiscurso em relação à visão hegemônica das mulheres na mídia. As representações do diretor destacam a autonomia, a liberdade sexual e intelectual, bem como a ausência de preconceitos e julgamentos morais.

As mídias digitais também tem um papel importante na construção de contradiscursos (Wang & Ouyang, 2023). As autoras exploraram como contradiscursos contra a assimetria de gênero são criados e como esses discursos se integram ao ativismo digital feminista. Elas observaram que esses contradiscursos geram conscientização, vontade e agência para disseminar o pensamento feminista, construindo uma oposição ao discurso hegemônico na

China e, assim, promovendo um ativismo feminista que busca desconstruir o status quo.

As pesquisas apresentadas revelam que os discursos midiáticos constroem e perpetuam estereótipos sobre o que significa ser mulher na sociedade moderna. No entanto, o contradiscurso também se manifesta como um movimento de resistência ao que é considerado cristalizado na sociedade. O discurso hegemônico afirma que o lugar social feminino é o lar e ela deve perseguir ideais de beleza e comportamentais inatingíveis para se adequar à sociedade. Em contraste, o contradiscurso ressignifica arquétipos femininos e desafia estereótipos e desigualdades de gênero. Assim, interrogamos: como são retratadas as mulheres que não seguem a “cartilha social comportamental feminina”, como aquelas que cuidam dos filhos sem um marido? Buscaremos responder a essa questão nos tópicos seguintes.

## **METODOLOGIA**

Para compreender os sentidos presentes nos discursos sobre as mães solo no jornalismo brasileiro, realizamos uma pesquisa qualitativa documental utilizando o método de Análise de Discurso de linha francesa (AD) foucaultiana (Foucault, 1996). A abordagem qualitativa se fundamenta nos pressupostos apresentados por Godoy (1995) que afirma que essa definição deve ser embasada na natureza do problema e nos objetivos vislumbrados. Nesse sentido, a escolha do método baseia-se no fato de que a AD é particularmente produtiva em estudos jornalísticos que visam mapear vozes ou identificar sentidos (Benetti, 2007), o que está alinhado com o objetivo deste estudo.

Para a Análise de Discurso (AD), o discurso é uma construção histórica e social que pode ser identificada na estrutura gramatical, na semântica e também na ideologia contida em um texto. Com o objetivo de compreender e interpretar o percurso seguido pelo enunciador na construção do significado de sua

enunciação, essa abordagem utiliza elementos lexicais e a atribuição de sentidos. Assim, a técnica não se restringe apenas ao estudo linguístico dos textos; ela requer a decodificação de aspectos implícitos e explícitos na construção discursiva (Orlandi, 2005).

O *corpus* de análise é composto de 40 reportagens publicadas em diferentes sites de notícia no Brasil entre 2019 e 2021. Para realizar a busca foi utilizada a plataforma “Google notícias” sem login em conta Google, para evitar direcionamentos regionais, e sem discriminação quanto ao nome do portal noticioso; no entanto, foram desconsideradas todas as notícias vinculadas em portais pagos. O principal critério de seleção do material foi a centralidade da maternidade solo como tópico da reportagem. Os descritores utilizados foram “mãe solo” e “mães solo”, e foram selecionadas as quarenta primeiras notícias para garantir um volume manejável para análise. O período abrange o primeiro ano completo antes da elaboração da pesquisa, iniciada no primeiro semestre de 2022, e os dois anos anteriores, garantindo a atualidade do conteúdo. Assim, todo o material recolhido é conteúdo gratuito e aberto disponível *online* e está descrito no Quadro 1.

Salienta-se que, na pesquisa, não consideramos possível um distanciamento absoluto entre sujeito e objeto ou qualquer rompimento epistemológico. Ao contrário, entendemos que nosso ponto de vista é fundamental para a compreensão do objeto, conforme previsto pela fenomenologia heideggeriana (Ray, 1994). A perspectiva do filósofo alemão Heidegger aponta que as realidades se constituem por meio de experiências pessoais, de modo que o indivíduo é inseparável de sua realidade. Essa orientação faz com que as pesquisadoras sejam mais do que meras observadoras passivas, transformando-as em agentes de interpretação dos textos analisados (Heidegger, 2005).

Por fim, é importante delinear o lugar de fala (Ribeiro, 2017) das autoras, entendendo que ele é um elemento integrante de todo discurso que proferimos e,

portanto, de toda pesquisa que construímos. A primeira autora é uma pós-graduanda, residente na periferia de uma grande cidade brasileira, parda, cisgênero, casada e sem filhos, mas filha de uma mãe solo, tendo presenciado essa realidade com esse olhar – uma realidade que a aproxima, em certa medida, da apresentada nas notícias. A segunda autora é uma mulher branca, de classe média, com histórico familiar tradicional tanto em relação aos pais quanto ao marido e filhos, trazendo à pesquisa o olhar de mãe. Esses marcadores nos aproximam da temática, embora não sejamos mães solo.

### Quadro 1 – Compilado de reportagens

Título	Jornal	Data	Autor
Mães solo criam rede de apoio para enfrentar dificuldades e trocar experiências em Campinas	G1 - Campinas e região	11/05/2019	EPTV 2
Mãe solo aos 20 anos, moradora de Volta Redonda afirma: 'maternidade me preencheu'	G1	12/05/2019	Emille Rodrigues
Mães solo: Com rotina marcada por preconceito, mulheres driblam dificuldades para cuidar dos filhos e chefiar a casa	G1 - Salvador	12/05/2019	Phael Fernandes e Danutta Rodrigues
Ser mãe pode ser um fardo e as mulheres estão falando sobre isso	Terra	12/05/2019	Ludmila Honorato
Mãe solo: "Maternidade não é sobre estado civil. Filhos nos tornam mães; companheiros, não", diz Thaiz Leão	Revista Crescer	23/09/2019	Aline Dini
Como o isolamento potencializa a sobrecarga das mães solo	Terra - Vida e Estilo	08/05/2020	Larissa Teixeira
Mãe solo de quintuplas fala da rotina na quarentena em SC: 'Estou dando o melhor de mim'	G1	10/05/2020	Valéria Martins
Mãe solo? 6 passos para encontrar um respiro na rotina	Revista Crescer	21/06/2020	Fernanda Montano

Em meio à pandemia, volta ao trabalho desafia mulheres chefes de família no Ceará	G1 Ceara	01/07/2020	G1 Ceara
Maternidade solo e pandemia: especialistas refletem sobre o retorno às atividades normais	Hypeness	30/07/2020	Veronica Raner
Mãe solo de três: "Meus filhos são a minha rede de apoio"	Revista Crescer	01/10/2020	Amanda Oliveira
Quem aguenta? Mães solo sobrecarregadas, desempregadas e sem a pensão dos filhos	Correio 24 horas	04/10/2020	Priscila Natividade
As mães demitidas durante a pandemia: "Tentei conciliar trabalho com meu bebê, mas perdi o emprego"	BBC News Brasil	05/10/2020	Paula Adamo Idoeta
Trabalho pós parto - Como construir uma nova maternidade em uma sociedade em crise? Mães solo têm algumas respostas	Uol - Reportagens especiais	08/10/2020	Marcos Candido
"Criança precisa de pai presente": o que mães solo não aguentam mais ouvir	Universa - Uol	09/12/2020	Ana Bardella
"Toda mãe solo é uma aldeia" – as mulheres e filhos que lutam para sobreviver à pandemia	National Graphic Brasil	28/12/2020	Patrícia Monteiro e Maria M. Arrellaga
Um retrato das mães solo na pandemia	Gênero e número Media	18/06/2020	Helena Bertho, d'Azmina, Camila da Silva, Glória Maria e Sanara Santos, da Énois e Lola Ferreira e Vitória Régia da Silva, da Gênero e Número
Desafios de mães solo ficam ainda mais intensos na quarentena	R7 - São Paulo	10/05/2020	Clarice Sá
Adote uma mãe solo: projeto ajuda mulheres a superar crises da pandemia	Universa - Uol	08/12/2020	Breno Damascena

Mãe solo de 4 filhos desabafa: 'A mulher que você julga silenciosamente passou por mais inferno do que você pode imaginar'	Revista Crescer	23/03/2021	Crescer Online
Mãe solo conta como adotou três meninas em meio à pandemia	Revista Crescer	20/04/2021	Crescer Online
Mulheres estão no centro da crise humanitária da pandemia	Terra - DINO	29/04/2021	DINO
Desemprego, medo e sobrecarga: a realidade de mães solo na pandemia	Brasil de Fato	01/05/2021	Ana Carolina Caldas
Marina Morena: o relato de uma mãe solo com o coração preenchido de felicidade	Diário do Nordeste	05/05/2021	Redação SISI
Dia das Mães: mães contam desafios da maternidade 'solo' na pandemia	G1 Vale do Paraíba e Região	09/05/2021	G1 Vale do Paraíba e Região
Rotina de mães solo da periferia de SP piora com pandemia e professora cria coletivo para ajudar: 'nos fortalecemos'	G1 SP	09/05/2021	Marina Pinhoni
Sobrecarga, desemprego e insegurança: a vida das mães um ano após chegada da covid-19	Brasil de Fato	09/05/2021	Lu Sudré
Confessionário: "A depressão foi tão forte na covid, que pensei em morrer"	Bebê abril	14/05/2021	Fernanda Tsuji
A solidão e os medos da maternidade solo na pandemia	Estadão - Blog Famílias Plurais	17/05/2021	Adriana Del Ré
Mãe solo, saí da licença-maternidade direto para a linha de frente da covid-19	Revista Marie Claire	04/06/2021	Kellen Rodrigues
Mãe solo de 4, incluindo trigêmeas, desabafa sobre mensagens de ódio na web: "Disseram que deveria ter abortado minhas meninas"	Revista Crescer	07/06/2021	Crescer Online

"Mães adoecendo": influenciadora alerta para sobrecarga mental na pandemia	Universa - Uol	20/06/2021	Nathália Geraldo
Coletivo de mães solo distribui kits para mulheres que cuidam dos filhos sozinhas	Revista Crescer	23/06/2021	Crescer online
Homem tem medo de mãe solo? Como fica a vida de solteira pós-maternidade	Universa - Uol	19/07/2021	Ana Bardella
Não é humanamente possível suportar isso todos os dias”, escreve pediatra sobre mães que não têm apoio	Revista Crescer	29/09/2021	Juliana Malacarne
Onde está você, mãe, na montanha rumo à exaustão?	Revista Crescer	29/09/2021	Nathália Armendro
Mãe solo e o medo da solidão	Gazeta do Povo	30/09/2021	Xila Damian
Pediatra sobre mães sem apoio “Não é humanamente possível suportar isso todos os dias”	Psicologias do Brasil	30/09/2021	Destques psicologias do Brasil
Quem cuida delas?	Uol - Viver bem	30/09/2021	Lívia Inácio
Sozinha, mãe de 4 filhos constrói casa própria após ficar sem dinheiro para pagar o aluguel	Razoes para acreditar	04/10/2021	Gabriel Pietro

**Fonte:** Dados da pesquisa

A análise foi empreendida adotando o roteiro proposto por (Saraiva, 2009). Seguindo essa abordagem, foram examinados: os vocabulários utilizados; os temas e figuras presentes de forma implícita e explícita; os aspectos interdiscursivos; a polifonia e as condições sociais da produção das narrativas; o discurso presente em cada texto, os aspectos ideológicos defendidos e combatidos; e a posição do texto em relação ao discurso hegemônico na sociedade na qual se insere.

Os enunciados, entendido na acepção foucaultiana (2008) como um átomo do discurso, um elemento integrante e constituinte desse tecido, foram mapeados em



trinta em duas unidades. Esses foram então agrupados em oito funções enunciativas que carregam um conjunto de regras anônimas e historicamente construídas em determinado espaço e época (Foucault, 2008). Por fim, as funções foram agrupadas em duas formações discursivas, sendo elas compreendidas como o que se pode ser dito em um momento histórico, sendo atravessadas por ideologias e que apresentam uma regularidade temática (Foucault, 2008), na presente investigação isso diz respeito aos discursos construídos sobre as mães solo no jornalismo brasileiro (ver Quadro 2) e que serão apresentadas a seguir.

**Quadro 2 – Categorias de análise AD**

FORMAÇÕES DISCURSIVAS	FUNÇÕES ENUNCIATIVAS	COD.	ENUNCIADO	COD.	Nº DE ENUNCIADOS NO CORPUS
Perpetuação	Abandono Parental	FE01	Abandono afetivo	E01	15
			Aborto masculino	E02	8
	Dificuldades maternas	FE02	Desemprego	E03	2
			Inconformidade Social	E04	5
			Estereótipos	E05	2
			Sobrecarga materna	E06	25
			Solidão materna	E07	22
			Vida amorosa	E08	5
			Papéis paternos	FE03	Pagamento de pensão
	Presença insuficiente.	E10	3		
	Violência	E11	2		
	Rede de apoio	FE04	Ausência de Rede de apoio	E12	8
			Rede de Apoio estatal	E13	3
			Rede de apoio familiar	E14	7
	Cultura Patriarcal	FE05	Abandono paterno	E15	5
			Mulheres chefes de família	E16	9
			Amor incondicional	E17	13
	Pandemia	FE06	Pandemia - aumento do desemprego	E18	18

			Pandemia - Auxílio insuficiente	E19	2
			Pandemia - deterioração da saúde mental	E20	6
			Pandemia - Redução da rede de apoio	E21	14
			Pandemia - sobrecarga feminina	E22	2
			Pandemia - Dificuldade em pedir pensão	E23	5
Contestação	Pandemia	FE07	Novas Redes de apoio	E24	18
	Problematização	FE08	Cultura opressiva para as mulheres	E25	22
			Trabalho doméstico	E26	4
			Naturalidade da maternidade	E27	6
			Desconstruir a super mãe	E28	5
			Mães pretas	E29	15
			Maternidade e pobreza	E30	3

Fonte: Dados da pesquisa.

## RESULTADOS

A mídia brasileira propaga discursos antagônicos sobre as mães solo. Intitulamos **Perpetuação** o discurso hegemônico, que é mais frequentemente difundido. Esse discurso transmite uma mensagem explícita de naturalização e imutabilidade da situação social desfavorável a essas mulheres. Por outro lado, denominamos **Contestação** o discurso emergente, que tem ganhado força ao longo dos anos, embora ainda seja minoritário. Esse discurso problematiza a situação e propõe, em alguns aspectos, mudanças para enfrentar as desigualdades que envolvem as mulheres na sociedade moderna. A seguir, apresentaremos ambos os discursos em detalhes.

### Perpetuação

Nomeamos *Perpetuação* a formação discursiva majoritária no jornalismo brasileiro. Nessa formação, o discurso que atribui à mulher a maior responsabilidade pelo trabalho da reprodução social é sustentado como algo natural, que compõe e constitui a sociedade brasileira. Esse discurso é especialmente prevalente nos veículos midiáticos de circulação nacional e generalistas, como o G1 e UOL, no que pode ser entendido como uma faceta hegemônica desse discurso. Para compreender esse discurso é relevante mencionar que ele está presente em 187 dos 256 enunciados identificados nas reportagens. Esses enunciados se relacionam entre si dando origem a seis funções enunciativas: Abandono parental (FE01), Dificuldade maternas (FE02), Papéis paternos (FE03), Rede de apoio (FE04), Cultura Patriarcal (FE05) e Pandemia (FE06).

O primeiro grupo de enunciados, que compõe a FE01, demonstram que o abandono parental é uma realidade vivenciada por muitas crianças e suas mães. Nesse cenário, o mais comum é que o pai seja pouco presente da vida dos filhos ou tenha sido presente em algum momento da vida dele e, ao se separar da esposa, abandonou também a criança (E01), conforme pode ser identificado no trecho abaixo.

O pai do meu filho era muito presente quando éramos casados, não tenho vergonha nenhuma de dizer que ele era mais mãe do que eu, mas, um mês depois da separação, ele virou uma chave que eu não o reconheço mais. Então, não conto com a ajuda dele para nada (E01).

Esse trecho apresenta a fala de uma mãe que perpetua, nas entrelinhas, a problemática de não atribuir a homens/ pais a responsabilidade pelo trabalho de reprodução social, pois o termo utilizado para se referir a ações desempenhadas por eles é 'ajuda' – algo que, em essência, é opcional de se fazer. Uma segunda situação comum que compõe a FE01 é a prática masculina do assim chamado abordo paterno (E02), no qual eles deixam as mulheres ainda na gravidez, mas não

sem, na maioria das vezes, intimá-las a fazer um aborto também, conforme pode ser visto nesse trecho: “Namorando, o pai da criança pediu que ela abortasse e avisou que não assumiria o bebê (E02)”.

Na segunda função enunciativa (FE02) são relatados os principais problemas enfrentados pelas mães solo. As maiores dificuldades são a sobrecarga (E06) enunciado exemplificado pelo trecho “Todo título de guerreira, de mãezona, de mulher ‘da porra’, esconde uma mulher sobrecarregada”, uma vez que a elas são imputadas jornadas múltiplas de trabalho e toda a responsabilidade pela criação dos filhos; a esse fato se combina a solidão materna (E07) que assola essas mulheres, visto que não possuem apoio de qualquer natureza, sobre esse ponto é falado “A única coisa que me incomodava era a solidão. Como parei de ir a baladas, as pessoas se distanciaram de mim” (E07).

Além disso, elas sofrem com maior índice de desemprego (E03), conforme apresentado nas notícias e exemplificado pelo excerto “Outro agravante que já existia no universo das mães solo trabalhadoras é o desemprego, seja por terem que ficar com os filhos, seja por preconceito do mundo do trabalho” (E03). Em adição enfrentam também inconformidade social (E04) em virtude de não serem casadas:

A rotina de uma mãe solo é uma rotina exaustiva de uma sobrecarga absurda, não apenas sobre a criação do filho(a), mas também de corresponder às expectativas que a sociedade espera que seja a maternidade. A mãe deve ser perfeita, não se queixar, estar sempre equilibrada (E04).

Outra dificuldade que elas enfrentam é o fato de serem oprimidas por estereótipos (E05) que rotulam o que é ser “uma boa mãe” gerando expectativas desumanizantes.

A partir do momento que o mundo descobriu que eu estava grávida, estava constantemente num lugar de ausência, de não cumprimento social, que é casar, morar junto. Desde o começo, eu estava num não lugar: nem de autonomia nem de escolha (E05).

E, por fim, como última problemática enfrentada por essas mães, a vida amorosa (E08) emerge com sentido negativo, pois muitas têm medo de se envolverem e serem novamente abandonadas e também relatam dificuldades de encontrar parceiros que queiram se envolver com mulheres que tenham filhos, como pode ser visto neste relato de uma mãe, retirado de uma reportagem: “Algo que acontecia com frequência era começar uma conversa empolgada com alguém, mas o papo esfriar depois de mencionar que tenho um filho” (E08).

A representação dos papéis paternos (FE03) no jornalismo brasileiro se limita a três enunciados: o pagamento de pensão (E09), normalmente a única contribuição dada pelos pais e, em alguns momentos, vista como ajuda e não obrigação – como pode ser identificado no relato: Sem dúvida, me irrita quando alguém comenta: 'Ah, mas ele te ajuda, né? Com a pensão e tal. Que bom', como se isso fosse um favor, a única coisa que precisa ser feita na paternidade (E09).

A segunda função paterna, a presença insuficiente (E10) revela que muitos pais estão presentes na vida dos filhos, mas não dividem igualmente as responsabilidades com as mães, em consonância ao fragmento abaixo:

Quando a Serena nasceu, o pai da minha filha teve 40 dias de licença e ficou junto comigo, mas, quando acabaram os 40 dias, ele levantou, colocou a roupa dele, foi trabalhar e a vida dele continuou normalmente. Ele fica com ela só nos dias que são combinados no acordo da separação (E10).

Esse enunciado revela também que a mãe solo não é, necessariamente, solteira, pois os maridos vivendo na mesma residência podem também apresentar esse comportamento, delegando para a companheira a maior carga de trabalho na criação dos filhos. O último ponto revela que os pais também são fonte de violência (E11) para essas mães. Isso ocorre, pois, ao exigir na justiça os direitos dos filhos, algumas sofrem ameaças e agressões por parte dos ex-companheiros.

Com a perda da renda, teve de acionar a justiça contra o pai das crianças para que retomasse o pagamento da pensão de R\$ 550. Após ameaças pela judicialização, ela teve de recorrer à polícia e tem hoje uma medida protetiva (E11).

Nesse cenário, as Redes de Apoio (FE04) surgem como um assunto frequente nas reportagens. Nessa formação, os enunciados revelam que, para as mães solo a ausência dessas redes (E12) é um ponto crucial, elas têm dificuldades de encontrar pessoas ou instituições que possam cuidar de suas crianças: seja para poderem trabalhar, seja para poderem descansar.

Para piorar, muitas delas simplesmente não contam com a tão falada rede de apoio. Um levantamento feito pela ONG Rede Nossa São Paulo apontou que 33% das mulheres que moram na capital (o que corresponde a 1.219.438 mulheres) cuidam sozinhas dos filhos (E12).

Para a maioria das mulheres que contam com uma rede de apoio, ela é composta por familiares (E14), especialmente as mães delas, as irmãs, tias – o que significa que a reprodução social é delegada a outras mulheres, usualmente de forma não remunerada. Questão que pode ser constatada na passagem: “Desde que se separou do marido, há cerca de um ano, ela conta com a ajuda dos pais para criar a menina” (E14). Contudo, algumas mães contam com rede de apoio estatal (E13), visto que alguns estados brasileiros oferecem auxílio financeiro para aquelas que

tem baixa renda, conforme revela esse segmento: “Sem trabalho, a única fonte de renda da família tem sido um auxílio do programa de Gestação Múltipla que deve ser fornecido pelo governo estadual até as meninas completarem 12 anos” (E13).

A normalização da Cultura Patriarcal (FE05) aparece de forma abrangente nas narrativas das reportagens. O abandono parental (E15) é mencionado, mas não problematizado como uma falha na construção da masculinidade em nossa sociedade.

Criar uma crianç a de forma independente é um dos desafios mais comuns enfrentados pelas mulheres no Brasil: de acordo com o último levantamento realizado pela Associação Nacional dos Registradores Civis de Pessoas Naturais (Arpen Brasil), somente no primeiro semestre de 2020, mais de 80 mil bebes foram registrados apenas com o nome de suas moes nas certidões de nascimento (E15).

O silenciamento sobre a responsabilização masculina no trabalho de reprodução social é tratado com naturalidade, quase com fatalismo. Além disso, é também naturalizado o discurso das moes chefes de família (E16) que, geralmente, exercem a função sem qualquer tipo de apoio.

Elas são as únicas responsáveis pelo lar. Sozinhas, põem, criam e mantem os filhos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, essa é a realidade 37, 7% das famílias brasileiras que têm mulheres como gestoras do lar (E16).

Nesse momento o amor incondicional materno (E17) desponta como narrativa englobante e sobrepujante de todas as dificuldades enfrentadas por elas, como pode ser visto em: “As dificuldades serão grandes, claro, não adianta negar. Mas



ver o sorriso do filho e sentir orgulho por saber que você está criando um ser humano incrível vale todo o esforço, não é?” (E17). Assim, o discurso de que a existência do filho justifica e compensa toda e qualquer dificuldade enfrentadas pelas mães é, marcadamente, perpetuado.

Consonante a difusão desses discursos que vinculam à mulher a maior responsabilização pelo trabalho de reprodução social surgiu o tópico da Pandemia (FE06), assunto tratado nas reportagens como uma fatalidade que afetou mais as mulheres. Mediante a essa realidade, elas sofrem mais com o desemprego (E18) como pode ser identificado em: “Análise do mercado de trabalho de 2020, marcado pela pandemia, aponta que as maiores perdas estão relacionadas às mulheres. Apesar de serem maioria no mercado de trabalho (53%), amargam um desemprego maior (64, 2%)”. Nesse cenário elas também não receberam auxílio financeiro suficiente (E19) por parte dos governos, mesmo nos casos nos quais haja algum benefício social, com aponta o excerto “Auxílio emergencial - hoje um apoio de fachada” (E19).

A pandemia provou ainda a indisponibilidade dos serviços públicos, o que dificulta que solicitem a pensão dos filhos na justiça (E23), questão exemplifica em: “Pedidos de pensão alimentícia caem 70% em São Paulo”. Somando-se a esses pontos, houve o fechamento das escolas e creches, e também a impossibilidade de os idosos cuidarem das crianças, visto que eles são redes de apoio de muitas mães, mas também uma parcela da população especialmente sensível à doença, assim essas mães veem suas redes de apoio diminuírem drasticamente (E21) O caso dessa mãe exemplifica: “Antes da pandemia, Paloma trabalhava como faxineira. Mas, sem escola e sem creche, passou a não ter com quem deixar as crianças”.

Nessa realidade as mães solo se tornam ainda mais sobrecarregadas (E22) ficando saliente o desequilíbrio das responsabilidades atinentes à reprodução social, conforme demonstra o fragmento: “A pandemia escancarou um problema que

antes era individual: o desequilíbrio nos cuidados com as crianças e a invisibilidade dessas tarefas perante o mercado de trabalho”. Como consequência elas tem sua saúde mental deteriorada (E20), como aparece no trecho: “Dentre as 822 mulheres entrevistadas, das quatro regiões do país, 25% apresentaram sintomas depressivos; 26,7% apresentaram sintomas de ansiedade; 22% de estresse e 39% apresentaram estresse pós-traumático”. Ainda que haja o apontamento do problema, as reportagens são pouco ou nada propositivas quanto a soluções, esse silenciamento acerca de responsabilização social sobre o trabalho de reprodução social reforça o discurso hegemônico.

### **Contestação**

Essa formação discursiva, nomeada de *Contestação*, está presente em 73 enunciados do total de 256 encontrado em nossa análise, sendo mais frequente dentro de cadernos especificamente construídos para mulheres como “Revista Crescer” e *Universa* – Uol ou em páginas locais “G1 SP”. Essa linha discursiva minoritária se propõe a difundir a mensagem de desconstrução do arquétipo materno socialmente construído ao longo do tempo.

A *Pandemia* (FE07) surge como nova função enunciativa, pois está composta, essencialmente, do enunciado ‘novas redes de apoio’ (E24). A sobrecarga feminina desponta como motivação para o surgimento dessas novas redes de apoio que se organizam, quase sempre virtualmente, para ajudar financeiramente e com outros recursos, como itens alimentares e de higiene as mães solo que não possuem a quem recorrer.

Pensando nisso também, Thaiz criou o projeto *A Casa Mãe*, que busca financiamento virtual a fim de proporcionar um espaço em que as mães dividam experiências (E24).

Segura a Curva Das Mães, que durante a pandemia está mapeando mães em situação de vulnerabilidade e arrecadando dinheiro para doação de cestas básicas e kits de higiene e, além disso, pretende garantir um apoio emergencial de R\$ 150 para cada inscrita (E24).

A Problematização (FE08) é a função enunciativa mais profícua dentro dessa FD. A realidade que a nossa cultura é opressiva para as mulheres (E25) é o enunciado mais frequente dessa função, como em: “Ser mãe é uma proposta de aniquilação da mulher. Quando a mãe vem, a sociedade mata a mulher, mas como ela não morre, a gente caminha com depressão, angústia, que alimenta depressão pós-parto”. O diferencial com relação ao discurso hegemônico está no apontamento do sentido negativo que ser mãe carrega para as mulheres, sendo problemática a desvalorização e a invisibilidade social das mães solo.

Também é frequentemente discutida a necessidade de reconhecimento do trabalho doméstico e materno (E26), ponto saliente em “Maternidade é uma função social e todos os setores da sociedade são corresponsáveis pela reprodução social”. Além disso, a construção da naturalidade da maternidade (E27) que se converte em compulsoriedade é demonstrada como uma construção social e histórica, conforme pode ser identificado no trecho abaixo.

A ideia desse "amor incondicional" das mães começou por volta de 1760 na Europa, quando estudiosos perceberam que crianças com atenção exclusiva tinham chances maiores de sobreviver e, assim, reduzir impactos econômicos com a diminuição da população (E27).

Nesse sentido se manifesta a urgência de se desconstruir a super mãe (E28) um papel imputado a essas mulheres, mas que carrega expectativas irreais para qualquer ser humano. Clama-se “Queime a capa, não seja supermãe. Essa é a coisa

mais desleal que você pode fazer com a mãe que quer ser”. Para dar cabo a essa transformação social. Outro ponto problematizado dentro desse discurso é a situação das mães pretas (E29), sujeito até então totalmente invisibilizado. Nesse contexto aparece o enunciado: “Entre as domésticas, 71% trabalham na informalidade; e entre as casas chefiadas por mulheres negras, 63% vivem abaixo da linha da pobreza” (E29).

A questão da raça irrompe com um fato que dificulta ainda mais a vida dessas mulheres, isso porque elas sofrem com maior abandono por parte dos parceiros, estão em empregos com menores salários, são as primeiras a serem demitidas e tem maior dificuldade de acesso a seus direitos: combinação que as coloca no mais alto grau de vulnerabilidade social. Assim, a pobreza materna (E30) é também um enunciado relevante, pois na realidade brasileira a maior parcela das mães solo se encontra nessa situação.

Pouco mais da metade (50, 5%) das mães solo que moram na cidade de São Paulo vivem com até dois salários mínimos, de acordo com dados de 2010 do IBGE (E30).

## DISCUSSÃO

A busca pelos sentidos presentes nos discursos sobre as mães solo no jornalismo brasileiro revelou que o Abandono Parental (FE01) é uma realidade na sociedade brasileira e imputa às mulheres o trabalho de atender as necessidades concretas de outros seres humanos. Além disso, está implícita a ideia de maternidade compulsória, propagada por mídias como as telenovelas (Finamore & Carvalho, 2006). Em contrapartida, a paternidade não enfrenta o mesmo nível de cobrança social. Devido a essa discrepância, muitos homens se sentem livres para não assumir ou para abandonar seus filhos quando estes não estão em seus planos de vida.

As dificuldades enfrentadas pelas mães solo (FE02) conduzem à chamada crise da reprodução social (Kunz, 2010; Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019; Winders & Smith, 2019). Elas sofrem com o acúmulo de funções, enfrentam longas e exaustivas horas de trabalho e são socialmente cobradas a atender expectativas desumanizantes. Assim como a felicidade (Brittos & Gastaldo, 2006), a perfeição materna é normatizada como um ideal de super-heroína e o que não se enquadra nesse perfil é considerado marginal na sociedade, ou seja, é visto como errado. Essa realidade sobrecarrega essas mulheres, gerando uma intensa solidão emocional. O problema não é adequadamente abordado ou discutido, pelo contrário, é transformado em norma, sendo socialmente aceitável e até desejável que a mulher renuncie a si mesma para exercer o papel de mãe (Sifuentes & Ronsini, 2011).

A representação dos papéis paternos (FE03) é configurada para desresponsabilizar os homens. Nessa perspectiva, evidencia-se a desigualdade de gênero na divisão do trabalho (Hirata & Kergoat, 2007). A construção social que atribui integralmente à mulher a responsabilidade pelo trabalho de reprodução social está presente nesses enunciados, que padronizam o papel masculino como mero ajudante ocasional ou naturalmente ausente, podendo até mesmo manifestar-se na forma de violência quando lhe são feitas exigências. Esse construto reforça a hierarquia social que inferioriza a mulher.

Assim, as redes de apoio (FE04) formadas por essas mães são frequentemente compostas por outras mulheres. Dessa forma, elas delegam as atividades de reprodução social para essas mulheres, muitas vezes como trabalho não remunerado. Com isso, a problemática da divisão sexual do trabalho é reproduzida e perpetuada em nossa sociedade, reforçando a ideia de desvalorização desse tipo de atividade (Hirata & Kergoat, 2007).

Outra problemática difundida na mídia é a cultura patriarcal (FE05), que reforça a inferioridade hierárquica feminina na sociedade. Esse pensamento coloca o

homem em uma posição de superioridade e lhe garante ocupações sociais de maior prestígio e benefício. Em uma sociedade capitalista, isso se estende às relações de trabalho, onde aos homens são atribuídas funções com maior valor social adicionado — como políticos e religiosos (Saffioti, 1991; Hirata, 2016; Hirata & Kergoat, 2007). Em contrapartida, eles são desobrigados de tarefas que não geram valor econômico, entendidas como aquelas que não produzem lucro para os detentores do capital.

Ao delegar a responsabilidade de chefiar famílias às mulheres, ocorre o apagamento da problemática do abandono parental, além da invisibilização da superexploração feminina, sob o disfarce do aparente empoderamento de nomeá-las como ‘chefes’ de uma unidade social. Essa realidade é reforçada pela noção de amor materno incondicional, que é capaz de superar qualquer adversidade. A romantização da maternidade, amplamente difundida pela mídia (Sifuentes & Ronsini, 2011) é visível nas notícias analisadas, que perpetuam o ideal da mãe-heroína. No entanto, essa idealização oculta a realidade de uma mulher sobrecarregada pelo acúmulo de trabalhos produtivos e reprodutivos aos quais é submetida.

A pandemia intensificou ainda mais a crise da reprodução social e a situação feminina (Kunz, 2010; Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019; Winders & Smith, 2019). As mulheres enfrentaram uma sobrecarga adicional, muitas vezes assumindo um novo turno de trabalho: o suporte educacional e emocional para os filhos devido ao fechamento das escolas. Essa situação resultou em exaustão física e mental das mulheres. Nos discursos analisados, observa-se novamente o apagamento das responsabilidades do pai da criança e das responsabilidades estatais, recaindo exclusivamente sobre a mulher a tarefa de gerir todas as atividades durante esse período, incluindo o autocuidado.

A questão do autocuidado reflete o lugar social da mulher, profundamente associado ao lar. Pode-se inferir que, embora a sociedade reconheça a

necessidade de cuidados para essas mulheres, ela espera que esses cuidados venham de si mesmas e sejam realizados no interior de suas residências. Isso reforça a ideia de que a atividade do cuidado é feminina e deve ser concretizada em um espaço não politizado, de forma a não gerar ônus à sociedade (Saffioti, 1991; Hirata, 2016; Hirata & Kergoat, 2007). Além disso, é enfatizado que esse autocuidado é essencial para que as mulheres permaneçam aptas a continuar desempenhando o trabalho de reprodução social, que é visto como sua responsabilidade em todos os níveis.

Por fim, os enunciados relacionados ao tópico da pandemia carregam uma mensagem implícita de fatalidade e naturalidade, reforçando a ideia midiática sobre as mulheres e as mães como figuras fortes e resilientes que superarão mais essa dificuldade com base em seu próprio esforço individual e solitário. Essa perspectiva se aproxima da falácia neoliberal da meritocracia, que postula que apenas o esforço pessoal é suficiente para alcançar qualquer objetivo.

A formação discursiva da *Contestação* surge com a pretensão de desafiar a lógica hegemônica na mídia brasileira, constituindo um contradiscurso que se opõe, em certa medida, à formação discursiva da Perpetuação. Neste contradiscurso, ressurge como um catalisador para uma mobilização efetiva visando socorrer as mães solo em situação social mais vulnerável. Embora a colaboração seja frequentemente originada de outras mulheres, observa-se uma ampliação desse suporte para incluir contribuições de outras pessoas e homens. O trabalho de cuidado torna-se coletivo, formando uma rede de suporte efetiva para as mães solo. Esse contradiscurso rompe com a lógica individualista do sistema capitalista, promovendo uma comunalidade voltada para a melhoria das condições de vida dos membros da sociedade. Assim como observado no estudo de Wang e Ouyang (2023), esse contradiscurso se materializa em ações que buscam a desconstrução do *status quo*, e, por conseguinte, a socialização do trabalho de reprodução social. Além disso, a formação discursiva da *Contestação* desafia os papéis sociais femininos, que deixam de ser vistos como naturais para serem tratados como



construções sociais e históricas. Estes papéis, que frequentemente contribuíram para a exploração, marginalização e opressão das mulheres – muitas vezes exacerbados por fatores adicionais como raça – são questionados. Esse contradiscurso promove uma ressignificação dos arquétipos femininos, em linha com o que Paradiso (2011) e Coelho (2021). Assim, a naturalização do papel de cuidadora, que suporta tudo em função dos filhos, é problematizada e discutida, sendo apontada como uma realidade que pode e deve ser superada.

Entretanto, é importante destacar que, mesmo dentro desse discurso de Contestação, questões relacionadas à responsabilidade masculina no trabalho de reprodução social permanecem silenciadas. Não há discussões relativas ao papel do pai e suas omissões, evidenciando a polifonia e o caráter interdiscursivo de discursos machistas e patriarcais que ainda permeiam aqueles que se propõem a desafiar os ideais hegemônicos. Adicionalmente, o não-dito também se manifesta na total ausência de temas como o aborto do ponto de vista feminino. Essa realidade revela a naturalização da ideia mulher-mãe um ideário também machista e patriarcal que subjuga a mulher e delega a ela o trabalho de reprodução social desvalorizado. Embora a importância do trabalho doméstico seja mencionada, o véu de atribuição feminina não é desmitificado, nem atrelado aos homens e à nossa sociedade. Assim, mesmo os discursos que buscam refutar o hegemônico ainda estão impregnados com a ideologia dominante, perpetuando a desvalorização da reprodução social e sua estreita correlação com o feminino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, investigamos os sentidos presentes nos discursos sobre as mães solo no jornalismo brasileiro. Para isso, realizamos uma Análise do Discurso (AD), identificando duas formações discursivas predominantes nos noticiários online. A formação discursiva majoritária e hegemônica ainda atribui maior responsabilidade à mulher pelas atividades de cuidado dos filhos e pelas tarefas domésticas, ou seja, ela assume a maior parte do trabalho de reprodução social

(Saffioti, 1991; Hirata, 2016; Hirata & Kergoat, 2007). A investigação também revelou a emergência de uma segunda formação discursiva que pretende se opor à primeira em alguns aspectos. Nessa perspectiva, a naturalização da maternidade, do que significa ser uma boa mãe e da compulsoriedade de ser mãe – dentro de determinados moldes – é contestada. Esses construtos são apontados como históricos e sociais, além de problemáticos por subalternizarem as mulheres. No entanto, mesmo nessa formação discursiva emergente, persistem elementos que perpetuam a naturalização da mulher-mãe e não problematizam o papel paterno – ou a sua ausência.

Nesse sentido, a temática investigada em nosso estudo revela dimensões políticas e de transformação social significativas. A maternidade solo expõe as profundas desigualdades de gênero que permeiam a sociedade. O trabalho reprodutivo e de cuidado, majoritariamente realizado por mulheres, é desvalorizado e invisibilizado, tanto economicamente quanto socialmente. Essa invisibilização reflete uma estrutura patriarcal que desconsidera o papel crucial desse trabalho para o funcionamento da sociedade e da economia. Além disso, a forma como as mães solo são retratadas na mídia e nas políticas públicas reflete e reforça relações de poder. A representação dessas mulheres como “mãe-guerreira” ou “heroínas” perpetua estereótipos que limitam suas oportunidades e direitos, conferindo à situação precária um viés positivo e romantizado. Essa perspectiva não apenas sobrecarrega essas mulheres, mas também desresponsabiliza os homens e o estado.

Isso reforça a ideia de que o discurso midiático sobre as mães solo é uma construção social e política, moldada por forças que buscam preservar determinadas hierarquias de gênero. O conceito de interdiscurso, que se refere às relações entre diferentes discursos dentro de uma sociedade, evidencia como as narrativas sobre maternidade solo estão entrelaçadas com outros discursos dominantes, como os relacionados a gênero, família e trabalho. Esses discursos

interconectados reforçam e legitimam uns aos outros, criando um tecido discursivo que sustenta as representações estigmatizadas das mães solo na mídia. Entretanto, a discussão sobre a maternidade solo e a invisibilização do trabalho reprodutivo também abre espaço para a transformação da realidade social. Retomando o provérbio africano mencionado no início deste artigo, "é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança", é fundamental destacar a necessidade de políticas públicas que apoiem as mães solo. Tais políticas incluem a ampliação de creches, a extensão da licença parental e a implementação de programas de assistência financeira. Essa abordagem desafia a ideia de que o cuidado das crianças é uma responsabilidade exclusivamente feminina e individual, promovendo uma visão mais coletiva e compartilhada do trabalho de reprodução social.

Assim, acreditamos que a presente pesquisa contribui para destacar a importância do trabalho de reprodução social, tarefa fundamental para uma transformação social que valorize igualmente todas as formas de trabalho. Isso implica na necessidade de reestruturar as políticas econômicas para reconhecer e compensar o trabalho de cuidado não remunerado, que sustenta a força de trabalho e a sociedade em geral. Como afirma Merri Toras (2000), a linguagem estrutura a realidade e serve para conformar os mundos; portanto, uma mudança nos discursos sobre a maternidade solo e o trabalho de reprodução social pode promover uma mudança significativa na realidade social.

Finalmente, como toda pesquisa, a presente possui suas limitações. A principal delas é que investigamos apenas as notícias disponibilizadas on-line em formato de texto. A análise poderia ser enriquecida com a inclusão de vídeos, como os disponibilizados pelos telejornais, que têm amplo alcance social. Assim, sugerimos que futuras investigações considerem a análise de vídeos para obter uma compreensão mais completa. Da mesma forma, análises discursivas de textos e vídeos propagados em redes sociais também poderiam contribuir para aprofundar o conhecimento sobre as vivências maternas na sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

Arruzza, Cinza, Bhattacharya, Tithi, & Fraser, Nancy (2019). *Feminismo para os 99%: um manifesto* (1ª). São Paulo: Boitempo.

Benetti, Marcia (2007). Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In Cláudia Lago & Marcia Benetti (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo* (pp. 107–222). Petrópolis: Vozes.

Brenner, Johanna, & Laslett, Barbara. (1991). Gender, Social reproduction and women's self-organization: considering the U.S. Welfare State. *Gender & Society*, 5(3), 311-333.

Brittos, Valério C. & Gastaldo, Édison. (2006). Mídia, poder e controle social. *ALCEU*, 7(13), 13.

Coelho, Paloma (2021). A construção do feminino no cinema de Pedro Almodóvar. *Cadernos Pagu*, 61, e216109.

Federici, Silvia. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante.

Federici, Silvia (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.

Finamore, Claudia M. & Carvalho, João E. C. (2006). Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 347-362.

Foucault, Michel (2008). *A arqueologia do saber* (7ª ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, Michel (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.

Freire, Paulo & Guimarães, Sérgio (2014). *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Godoy, Arlida S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.

Heidegger, Martin (2005). *Ser e tempo* (15a ed). Petrópolis: Vozes.

Hirata, Helena (2016). O trabalho do cuidado. *Revista SUR*, 13(24), 53-64.

Hirata, Helena & Kergoat, Danièle (2007). Novas Configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.

IBGE. (2019). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua)*. Recuperado em 12 agosto, 2024 de: <https://censos.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-a-dos-homens.html>.

Kellner, Douglas (2001). *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Caxias do Sul: EDUSC.

Kunz, Rahel (2010). The crisis of social reproduction in rural Mexico: challenging the 're-privatization of social reproduction' thesis. *Review of International Political Economy*, 17(5), 913-945.

Monteiro, Patricia & Arrellaga, María M. (2021, March 17). *Os estragos invisíveis da pandemia para as mães solo*. El País Brasil. Recuperado em 12 agosto 2024 DE: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-17/os-estragos-invisiveis-da-pandemia-para-as-maes-solo.html>.

Orlandi, Eni P. (2005). *Análise de discurso: Princípios e procedimentos* (5a ed). Campinas: Pontes.

Paradiso, Silvio R. (2011). Mulher, bruxas e a literatura inglesa: um caldeirão de contra discurso. *Revista Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, 16(1), 189-202.

Queiroz, Bárbara G. (2019). O contruto da princesa: uma análise crítica da mídia de massa infantil. *Revista Scripta Alumni*, 21.

Ray, Patricia (1994). The Richness of phenomenology: philosophic, theoretic, and methodologic concerns. In Janice M. Morse (Ed.). *Critical issues in qualitative research methods*. London: Sage.

Ribeiro, Djamila (2017). *O que é lugar de fala*. São Paulo: Letramento.

Saffioti, Heleieth I. B. (1991). *O poder do macho*. São Paulo: Moderna.

Saraiva, Luiz Alex S. (2009). *Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Sifuentes, Lírian & Ronsini, Veneza (2011). O que a telenovela ensina sobre ser mulher? Reflexões acerca das representações femininas. *Revista FAMECOS*, 18(1), 131-146.

Silva, Lídia M. M. R. (1987). *Serviço social e família: a legitimação de uma ideologia*. São Paulo: Cortez.

Torras, Meri (2000). Feminismo y crítica lesbiana: ¿Una identidad diferente? In Marta Segarra M. & Angels Carabí (Eds.). *Feminismo y crítica literaria* (pp. 121-141). Barcelona: Icaria.

Valle, Dominique A. M. & Martin, Zelly C. (2021). Entangled with the necropolis: a decolonial feminist analysis of femicide news coverage in Latin America. *Feminist Media Studies*, 23(3), 1222-1237.

Wang, Qiong & Ouyang, Huhua (2023). Counter-discourse production in social media: a feminist CDA of a Weibo post. *Discourse & Communication*, 17(3), 319-335.

Winders, Jamie, & Smith, Barbara E. (2019). Social reproduction and capitalist production: a genealogy of dominant imaginaries. *Progress in Human Geography*, 43(5), 871-889.



## DISCURSOS MIDIÁTICOS ACERCA DA MATERNIDADE SOLO

### Resumo

A presente pesquisa objetiva investigar quais são os discursos construídos sobre as mães solo no jornalismo brasileiro. Para tanto foi realizada uma pesquisa qualitativa documental com base na análise de discurso de linha francesa em reportagens vinculadas na mídia brasileira nos anos de 2019 a 2020. Ainda visando o objetivo exposto foi utilizada a lente teórica da Reprodução Social e também o uso discursos midiáticos na perpetuação ideologias. Assim, os resultados revelaram que impera o discurso de normalização, naturalização e exaltação da maternidade solo – definindo a mulher como a principal responsável pelo trabalho de reprodução social na mídia brasileira. Todavia está surgindo nova formação discursiva que contesta o discurso hegemônico, problematizando e desconstruindo esses estereótipos. Essas reflexões demonstram a relevância de discutir a temática da maternidade solo, visto que ela expõe profundas desigualdades de gênero que permeiam a sociedade, mas configuram também um possível ponto de inflexão para mudança social.

### Palavras-chave

Exaustão Feminina. Mãe solo. Mídia. Patriarcado. Reprodução social.

## DISCURSOS MEDIÁTICOS SOBRE LA MATERNIDAD EN SOLITARIO

### Resumen

Esta investigación tiene como objetivo investigar los discursos construidos sobre las madres solas en el periodismo brasileño. Para ello, se realizó un estudio documental cualitativo basado en el análisis del discurso francés de reportajes publicados en los medios de comunicación brasileños entre 2019 y 2020. También se utilizó la lente teórica de la Reproducción Social y el uso de los discursos mediáticos para perpetuar ideologías para lograr el objetivo anterior. Los resultados revelaron que el discurso de normalización, naturalización y exaltación de la maternidad en solitario - que define a las mujeres como principales responsables del trabajo de reproducción social - prevalece en los medios de comunicación brasileños. Sin embargo, está surgiendo una nueva formación discursiva que desafía el discurso hegemónico, problematizando y deconstruyendo esos estereotipos. Estas reflexiones demuestran la relevancia de discutir el tema de la maternidad en solitario, ya que expone las profundas desigualdades de género que permean la sociedad, pero también representa un posible punto de inflexión para el cambio social.

### Palabras clave

Agotamiento femenino. Madre en solitario. Medios de comunicación. Patriarcado. Reproducción social.

## MEDIA DISCOURSES REGARDING SOLO MOTHERHOOD

### Abstract

This research aims to investigate the discourses constructed around single mothers in Brazilian journalism. A qualitative documentary study was conducted, using French discourse analysis on news reports published in the Brazilian media between 2019 and 2020. To achieve this objective, the study applied the theoretical lens of Social Reproduction, focusing on how media discourses perpetuate ideologies. The results reveal that the dominant narrative continues to normalize, naturalize, and even glorify single motherhood, portraying women as the primary caregivers responsible for social reproduction in Brazilian media. However, a new discursive formation is emerging that challenges this hegemonic narrative, critically questioning and deconstructing these stereotypes. These findings highlight the importance of discussing single motherhood, as it sheds light on the deep-rooted gender inequalities that permeate society, but this theme also represents a possible turning point for social change.

### Keywords

Female exhaustion. Solo mother. Media. Patriarchy. Social reproduction.

## CONTRIBUIÇÃO

### **Kelen Cristina Duarte**

A autora declara ter tipo contribuição principal nas etapas de coleta de dados e análise e equânime nas etapas de financiamento, concepção, teorização e conclusão desta contribuição.

### **Marlusa de Sevilha Gosling**

A autora declara ter tipo contribuição secundária nas etapas de coleta de dados e análise e equânime nas etapas de financiamento, concepção, teorização e conclusão desta contribuição.

## CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras declaram não haver conflitos de interesse.

## PROCEDIMENTOS ÉTICOS

As autoras declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

## AGRADECIMENTOS

-

## COMO CITAR

Duarte, Kelen C. & Gosling, Marlusa S. (2024). Discursos midiáticos acerca da maternidade solo. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(32), 873-912.